

condição que lhe impuseram, Orfeu resolveu olhar para a sua Eurídice... Ouve-se um estrondo espantoso, e Eurídice diz ao esposo:

— Que loucura foi essa que perdeu a mim e a ti, Orfeu? Já de novo os destinos cruéis me chamam e o sono começa a cerrar meus olhos. É hora de dizer-te adeus. A noite imensa me circunda e ergo em vão para ti as minhas mãos enfraquecidas.

Disse isso e desapareceu como fumaça nos ares. Orfeu ficou desesperado, pois sabia que sua música não poderia dobrar⁴ os deuses infernais: eles jamais se abrandavam com as súplicas humanas. Era impossível lutar contra suas duras leis.

Por todo o resto de seus dias, sem descanso, sem trégua à dor, Orfeu cantou o amor por Eurídice, que perdera para sempre num descuido fatal.⁵

4. *Dobrar*: fazer ceder, tornar transigente.

5. O mito de Orfeu e Eurídice tem fascinado a imaginação dos artistas através dos tempos. No cinema, dois famosos filmes o trataram.

Um é o do francês Jean Cocteau (pronuncie *jã coctô*), de 1949, em que Orfeu é um poeta da Paris contemporânea. O outro é *Orfeu Negro*, do também francês Marcel Camus (não pronuncie o s final; quanto ao u, representa um som intermediário entre /u/ e /i/). Este último filme, uma produção de 1959, foi rodado no Rio de Janeiro e é baseado em texto de Vinícius de Moraes, que também compôs, com Tom Jobim e Luís Bonfá, a trilha sonora. Aqui, Orfeu é um sambista carioca. O filme ganhou a Palma de Ouro em Cannes e o Oscar de melhor filme estrangeiro.

Narciso

Quando Narciso nasceu, sua mãe, uma ninfa belíssima, consultou o adivinho Tirésias para saber se aquele filho de extraordinária beleza viveria até o fim de uma longa velhice. Pareceram sem sentido as suas palavras:

— Sim, se ele não chegar a se conhecer.

Narciso cresceu, sempre formoso. Jovem, muitas moças e ninfas queriam o seu amor, mas o rapaz desprezava a todas.

Um dia, Narciso caçava na floresta quando a ninfa Eco o viu. Eco, por causa de uma punição que Hera¹ lhe infligira, só era capaz de usar da voz para repetir os sons das palavras dos outros. Ao se deparar com a beleza de Narciso, a ninfa se apaixonou por ele e se pôs a segui-lo. Quando resolveu manifestar o seu amor, abraçando-o, Narciso a repeliu. Desprezada e envergonhada, Eco se escondeu nos bosques com o rosto coberto de folhagens. O amor não correspondido a foi consumindo pouco a pouco, até que, depois de reduzida a pele e osso, seu corpo se dissipou nos ares. Restou-lhe, apenas, a voz e os ossos, que, segundo dizem, tomaram a forma de pedras.

Um dia, uma das muitas jovens desprezadas por Narciso, erguendo as mãos para o céu, disse:

— Que Narciso ame também com a mesma intensidade sem poder possuir a pessoa amada!

Nêmesis, a divindade punidora do crime e das más ações, escutou esse pedido e o satisfez.

Havia uma fonte límpida, de águas prateadas e

1. *Hera*: na mitologia latina, Juno, rainha dos deuses.

crystalinas, de que jamais homem, animal ou pássaro algum se tinham aproximado. Narciso, cansado pelo esforço da caça, foi descansar por ali. Ao se inclinar para beber da água da fonte, viu, de repente, sua imagem refletida na água e encantou-se com a visão. Fascinado, ficou² imóvel como uma estátua, contemplando seus próprios olhos, seus cabelos dignos de Dioniso³ ou Apolo, suas faces lisas, seu pescoço de marfim, a beleza de seus lábios e o rubor que cobria de vermelho o rosto de neve. Apaixonou-se por si mesmo, sem saber que aquela imagem era a sua, refletida no espelho das águas.

Nada conseguia arrancar Narciso da contemplação, nem fome, nem sede, nem sono. Várias vezes lançou os braços dentro da água para tentar inutilmente reter com um abraço aquele ser encantador. Chegou a derramar lágrimas, que iam turvar a imagem refletida. Desesperado e quase sem forças, foram estas suas últimas palavras:

— Ah!, menino amado por mim inutilmente! Adeus!

O lugar em que estava fez ecoar o que dissera. E quando proferiu “Adeus!”, Eco também disse “Adeus!”.

Em seguida, esgotado, Narciso se deitou sobre a relva, e a Noite veio fechar seus olhos. Diz-se que, nos Infernos, Narciso continua a contemplar sua imagem refletida nas águas do rio Estige.

As ninfas, juntamente com Eco, choraram tristemente pela morte de Narciso. Já preparavam para o seu corpo uma pira quando notaram que ele desaparecera. No seu lugar, havia apenas uma flor amarela, com pétalas brancas no centro.⁴

2. *Quedar (ou quedar-se)*: deter-se, ficar parado.

3. *Dioniso*: na mitologia latina, Baco, deus do vinho.

4. Narciso é outro mito que reaparece constantemente nas artes. Em Sampa, de Caetano Veloso, há esta passagem, na qual o poeta descreve a primeira impressão

negativa que teve ao ver a cidade de São Paulo:

*“Quando eu te encarei frente a frente,
Não vi o meu rosto,
Chamei de mau gosto
O que vi, de mau gosto, mau gosto.
É que Narciso acha feio
O que não é espelho...”*

A poetisa Cecília Meireles (1901-1964) tem um poema interessante sobre Narciso. Aqui, a imagem que se tem do rapaz, a de um vaidoso apaixonado pelo próprio rosto, é apresentada como falsa. Na verdade, Narciso sorria, encantado, não para o seu reflexo, mas para a água, que imaginava ter gerado ela própria a imagem do belo e sorridente jovem. Não é um texto fácil; mas vale a pena lê-lo. Atente para o ritmo dos versos e as imagens surpreendentes (o reflexo do sorriso comparado a uma grinalda de flores que cai na água; a imagem de Narciso vista pela água como uma estátua de cristal):

EPIGRAMA

*Narciso, foste caluniado pelos homens,
por teres deixado cair, uma tarde, na água incolor,
a desfeita grinalda vermelha do teu sorriso.*

*Narciso, eu sei que não sorrias para
o teu vulto, dentro da onda:
sorrias para a onda, apenas, que enlouquecera, e que sonhava
gerar no ritmo do seu corpo, ermo e indeciso,*

*a estátua de cristal que, sobre a tarde, a contemplava,
fixando-a sempre, com o seu efêmero sorriso...*

(epigrama: poema que se caracteriza, sobretudo, por sua brevidade; *ermo*: solitário; *efêmero*: passageiro, fugidio).